



Dom Geraldo Lyrio Rocha,
presidente da CNBB
(foto: Maria da Luz Fernandes)

A encíclica ***Caritas in Veritate*** (*Caridade na Verdade*) foi objeto de um artigo de Dom Geraldo Lyrio Rocha, Arcebispo de Mariana (MG) e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A “*busca irrenunciável de caminhos para a superação da crise*” foi a feliz expressão usada por Dom Geraldo para iniciar seu luminoso texto, bem como para finalizá-lo após uma série de considerações sobre o oportuno documento do Papa Bento XVI publicado por ocasião do 40º aniversário da encíclica *Populorum Progressio*, do Papa Paulo VI.

“Caritas in Veritate”

Esperamos que a nova encíclica do papa Bento 16 inspire as nações na busca irrenunciável de caminhos para a superação da crise.

Anunciada no final do ano passado, veio a lume na terça-feira, dia 7 de julho, a terceira encíclica do papa Bento 16, “Caritas in Veritate” (“Caridade na Verdade”), sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade.

Tendo como base e motivação originária a comemoração dos 40 anos da encíclica “Populorum Progressio”, publicada pelo papa Paulo 6º, a nova encíclica de Bento 16 se detém na atualíssima questão do desenvolvimento e chama a atenção da sociedade para as implicações da busca de um desenvolvimento que não leva em conta a ética, desconsidera a dignidade da pessoa humana na sua totalidade e

%#(

prescinde de Deus.

“Sem Deus, o desenvolvimento ou é negado ou acaba confiado unicamente às mãos do homem, que cai na presunção da autossalvação e acaba por fomentar um desenvolvimento desumanizado”, recorda-nos o papa. A nova encíclica foi recebida com grande expectativa e vivo interesse exatamente por tocar em tema social, numa época em que o mundo todo se vê comprometido a buscar soluções para a crise econômica e financeira que tem vitimado, de forma impiedosa, os pobres e os excluídos.

A escandalosa situação de desigualdade que impera no mundo, aprofundando o fosso entre ricos e pobres, é um escândalo que contrasta com os grandes avanços alcançados pela pós-modernidade, marcada especialmente pela evolução das ciências e das novas tecnologias. A atual crise financeira mundial expõe de maneira evidente esse contraste e ameaça, primordialmente, os países mais pobres, deixando-os ainda mais reféns da economia mundial globalizada.

Sábias, oportunas e iluminadoras as palavras do santo padre, que reafirma o desenvolvimento como uma “vocação” do homem, mas que só poderá ser alcançado plenamente se respeitar os princípios que considerem o ser humano como criatura predileta de Deus, revestido de uma dignidade que não pode ser sacrificada pelas leis da economia destituídas da ética e da caridade na verdade.

O grande drama da humanidade hoje é a crise do sistema econômico, que, para o papa, é fruto da busca exacerbada do lucro, alimentada por uma subserviência ao mercado, que, ganancioso e voraz, ignora os mais pobres e miseráveis. O papa reafirma que “o objetivo exclusivo de lucro, quando mal produzido e sem ter como fim último o bem comum, arrisca-se a destruir riqueza e criar pobreza”.

A mentalidade laicista que se expande de forma incontrolável e, às vezes, irracional, não pode obnubilar o ensinamento da igreja, que, vocacionada para o serviço à humanidade, chama a atenção para os desvios de um desenvolvimento centrado em si mesmo e orientado para o homem como se ele, autossuficiente, fosse fim em si mesmo.

&#(

5 f h] [c g

Nesse sentido, o papa Bento 16 recorda o papel imprescindível do Estado de garantir a liberdade religiosa como condição também para o desenvolvimento.

“Quando o Estado promove, ensina ou até impõe formas de ateísmo prático, tira aos cidadãos a força moral e espiritual indispensável para se empenharem no desenvolvimento humano integral e os impede de avançar com renovado dinamismo no próprio compromisso de uma resposta humana mais generosa ao amor divino”.

Repetimos à exaustão que à igreja não cabe propor soluções técnicas para os problemas da economia. Ela tem direito, no entanto, de iluminar com a sabedoria do evangelho os caminhos dos que buscam essas soluções.

Assim é que o papa, mais uma vez, insiste na ética, também para a economia, como condição “sine qua non” para um desenvolvimento que se pretenda humano. Com efeito, diz o papa: “A área econômica não é nem eticamente neutra nem de natureza desumana e antissocial. Pertence à atividade humana; e, precisamente porque humana, deve ser eticamente estruturada e institucionalizada”.

Com o papa, podemos dizer que temos um grande desafio, que é mostrar que os princípios tradicionais da ética social como a justiça, a transparência, a honestidade e a responsabilidade “podem e devem encontrar lugar dentro da atividade econômica normal”. Trata-se, como bem afirma Bento 16, de uma exigência simultaneamente da caridade e da verdade.

Esperamos, com a ajuda de Deus, que a nova encíclica do papa Bento 16 inspire as nações na sua irrenunciável busca de caminhos para a superação da crise em vista de um desenvolvimento que coloque no centro a pessoa humana, sobretudo os pobres, defenda a vida em todas as suas formas de manifestação e elimine as desigualdades que ofendem o Criador que nos fez à sua imagem e semelhança.

Texto do artigo extraído do site da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - no seguinte endereço eletrônico:

' # (

5 f h] [c g

<http://www.cnbb.org.br/ns/modules/articles/article.php?id=813>

(#(